

GEMINIS

[ABORDAGENS MULTIPLATAFORMAS]

NOTAS SOBRE UM CURSO DE ARTE DIGITAL

JONAS FEDERMAN

Doutor em Ciências pelo Programa de História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (HCTE/UFRJ). Mestre em Ciência da Arte pelo Instituto de Arte e Comunicação da Universidade Federal Fluminense IACS/UFF. Bacharel em Desenho Industrial pela Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro ESDI / UERJ. Atualmente é professor adjunto da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro onde leciona Design Gráfico e Arte Digital. É também pesquisador associado do PACC: <http://www.pacc.ufrj.br/> Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Design Gráfico.

E-mail: jofe@osite.com.br

<http://eco.ufrj.br/artedigital/index.html/>

<http://www.jofe.com.br/>

RESUMO

Este artigo reúne algumas das leituras e discussões encaminhadas no curso Arte Digital. Esta cadeira pertence ao Departamento de Métodos e Áreas Conexas (DEMAC) sendo oferecida a todas as habilitações do curso de graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Esta memória visa estimular novas aproximações e discussões futuras.

Palavras-Chave: Arte digital, cibercultura, política.

ABSTRACT

This article gathers some of the readings and discussions addressed in the course Digital Art. This course belongs to the Department of Methods and Related Areas (DEMAC) being offered to all undergraduate qualifications of the School of Communication at the Federal University of Rio de Janeiro. This memory is intended to stimulate new approaches and further discussion.

Keywords: Digital art, cyberculture, policy.

*"The intellectual life of the whole of western society is increasingly being split into two polar groups...literary intellectuals at one pole - at the other scientists, and as the most representative, the physical scientists. Between the two a gulf of incomprehension."*¹

C.P.Snow

"The Two Cultures and the Scientific Revolution", 1959

PRIMEIRAS PISTAS

Este artigo tem como principal objetivo registrar algumas observações relativas ao campo da comunicação, aproximando-as do campo tecnológico e cultural. Com base nos textos propostos para leitura ao longo do curso ministrado na graduação da ECO/UFRJ - Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro serão tecidos alguns comentários sobre trechos de livros e sua utilidade para pensar a matéria "Arte Digital".

A cada uma das aulas os alunos reagem aos textos propostos com a intenção de estudar a seguinte questão: no atual ambiente telemático, o que poderia ser hoje considerado um gesto artístico? E, inspirados na questão proposta pelo breve e potente livro da Prof^a Lucia Santaella – Por que as comunicações e as artes estão convergindo? – seguimos buscando nossos focos de estudo que foram se desenvolvendo ao longo do curso.

Num primeiro momento, diante deste quadro heterogêneo, circunscrevemos um conjunto de questões que nos permitiu pensar a imagem com relação ao seu passado, seu presente e seus desafios. E, com um recorte sociotécnico, aproximando as ciências exatas das humanas estudamos os atuais e recentes modos de produção da imagem tentando ampliar nossas análises no campo da comunicação e das suas relações com o campo da arte.

¹ "A vida intelectual de toda a sociedade ocidental está cada vez mais dividida em dois grupos polares ... intelectuais literários em um pólo – e no outro cientistas. E, como os mais representativos, os cientistas físicos. Entre os dois um abismo de incompreensão." C. P. Snow, 1959. "As duas culturas e a revolução científica".

Inicialmente nossos encontros semanais tiveram como objetivo estudar o campo de interseção entre arte, ciência e comunicação. Inspirados em questões teóricas levantadas no início do século XX pelo artista Marcel Duchamp², nossa busca naquele momento visava, à maneira duchampiana, compreender, discutir e quantificar o quociente artístico das propostas artísticas digitais. Mas seriam os princípios de avaliação de um “coeficiente artístico” proposto no início do século XX válidos ainda hoje?

O curso no início era basicamente teórico, apoiado somente em leituras. Mais recentemente, buscamos unir nossas reflexões teóricas a uma prática. Tentamos explicitar um conjunto de questões teóricas que impliquem na construção de um dispositivo eletrônico gerando assim, na prática, uma experiência artística digital. Todas nossas reações sob forma de texto, nossas limitações, fracassos e eventuais sucessos³ são motivo de avaliações e troca de ideias. Mais recentemente, ao sabor das nossas discussões, o curso, tem estudado os mais variados tipos de projetos artísticos e tendências estéticas no campo da arte digital, sendo que nossa atenção tem se voltado mais para aqueles que reúnem trabalhos pensados, realizados e acessados através de dispositivos móveis como celular PDA (Personal digital assistants) ou ainda *i Phone*.

Buscando favorecer novos avanços nesta área, temos expandido nossa rede trocando questões com os principais centros acadêmicos da área de comunicação, além alguns intercâmbios com empresas, museus e festivais. Com algumas outras colaborações paralelas, o curso concentra também sua atenção numa área conhecida como Cross-Mídia, ou seja, experiências que buscam investigar aspectos técnicos, culturais e políticos do diálogo telemático.

DUCHAMP, OITICICA E MEIRELES.

Nossa pesquisa sobre o que seria hoje considerado um objeto de arte se iniciou com a leitura do livro “Marcel Duchamp: engenheiro do tempo perdido”. Este recorte se deve ao fato de que a obra duchampiana marcou um ponto de virada no entendimento da crítica artística. Neste pequeno livro, o jornalista Pierre Cabanne entrevista Marcel Duchamp apoiado nesta publicação e buscando melhor compreender alguns paralelos que eventualmente poderiam ser traçados entre a primeira década do século XX e XXI começamos a listar algumas relações que poderiam ser estabelecidas entre aquele tempo do início da fotografia e da cinematografia e a atual cena da difusão telemática da imagem e das informações. E, preocupados em também perceber como a cena brasileira havia herdado traços dos movimentos artísticos do início do século XX passamos em

2 <http://bravonline.abril.com.br/duchamp.shtml>

3 <http://cienciahoje.uol.com.br/blogues/bussola/arquivo-aberto>

paralelo a estudar mais de perto as preocupações estéticas levantadas pelo movimento Concreto brasileiro. Com as nossas leituras sobre este tempo, logo percebemos a mudança no modo de produção de imagem e a especial importância das transformações técnicas e políticas da década 1970. Fortes mudanças culturais ocorreram no Brasil e no mundo a partir do meio da década de 60, início de 70, anos que entraram para história como um divisor de águas.

Naquele tempo, quando criou o primeiro Penetrável, Hélio Oiticica rompia, na cena carioca das artes plásticas, com a relação de contemplação do espectador para com a obra e propunha a participação. Mas o grande paradigma da obra de Oiticica foi a Tropicália, o Grande Penetrável, fruto da ideia de Nova Objetividade, conceituada pelo próprio Oiticica em 1966, e que deu nome ao movimento inaugurado por Caetano Veloso e Gilberto Gil, entre outros. Em 1968, jovens corações e mentes desencadearam uma onda de protestos e fogo em todo o mundo – de Paris ao Rio, de Los Angeles a Praga – com um só desejo: mudar a vida, mudar o mundo. Assembleias, passeatas, barricadas selaram uma aliança entre estudantes e intelectuais, artistas e minorias, para contestar a autoridade em toda parte: na universidade, no governo, nos costumes. Pois foi nesse ambiente que, em 1967, ao redigir o catálogo da exposição “Nova Objetividade”, que se realizaria no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Hélio Oiticica passa de um questionamento sobre os limites de um quadro à reflexão sobre a concepção de uma vanguarda brasileira. Foi nesse contexto que, se colocava cada vez mais firmemente a indagação: O que a arte pode ser?

A esta questão a obra do artista plástico Cildo Meireles vem responder de forma multissensorial. Partindo de desenhos, objetos e instalações, ele explorava as fronteiras da percepção de forma inesperada através de materiais do cotidiano. Um dos membros mais jovens de uma geração que transformou a arte brasileira no final dos anos 1960, Meireles combinou os desenvolvimentos da Nova Objetividade com o Minimalismo e a Arte Conceitual para produzir um conjunto de trabalhos que é claramente internacional, por transformar a experiência perceptiva em desafios filosóficos.⁴ Mas, e hoje? O que pode a arte? Ou, mais especificamente: o que pode hoje a Arte Digital? Quais seriam seus desafios filosóficos? Como eles vêm sendo enfrentados? Para abordar estas questões poderíamos separar os campos da arte e da ciência? Seriam os métodos de investigação artísticos e científicos excludentes? Sentir seria tão importante quanto saber?

⁴ Esse trecho deste artigo foi fundamentado num folheto da exposição “Trinta Anos de 1968” e, no texto de apresentação – O que a arte pode ser? da exposição do artista Cildo Meireles no MAM, RJ – set. 2000.

Conhecendo um pouco mais a proposta do movimento Concreto brasileiro e seu modo de produção, sentimos e observamos que é também a partir do jogo entre a palavra, o som e a imagem, editados através desses dispositivos móveis (centrais de produção multimídia portáteis) que atualmente se produz sentido, realidade e uma nova subjetividade⁵. Assim, passamos a seguir, reunir e comentar algumas publicações que vêm balizando nossas discussões.

Por exemplo, o livro *Linguagens líquidas na era da mobilidade* (2007), aproxima-se da metáfora do sociólogo polonês Zygmunt Bauman – modernidade líquida – e do conceito - espumas - do filósofo alemão Peter Sloterdijk. Esta publicação nos foi útil para pensar entre outras importantes questões, a Internet pervasiva ou ubíqua. E foi a partir deste ponto que, em busca de conhecer os atuais modos de produção da imagem recortamos mais um aspecto da nossa pauta: presença-ausência. Ao perceber que os alunos e os jovens em geral abandonam o MSN (Chat), ou ainda os e-mails, comunicando-se cada vez mais frequentemente através de SMS - os chamados torpedos (mensagem enviadas por telefones celulares) -, o nomadismo e a produção telemática tornaram-se também focos de atenção do curso. Em *Linguagens líquidas na era da mobilidade*, a autora nos aponta que a primeira questão que se coloca entre os participantes quando a conexão via celular se estabelece é: onde você está? Assim, transforma-se o tipo de atenção disponível nesse intervalo de tempo para esta conexão. Nesta atual cena os interatores - atores interfaceados por dispositivos móveis -, estão em constante movimento. As noções de tempo e espaço passam também a fazer parte das nossas avaliações relativas ao modo de produção e circulação das informações audio visuais.

Mais adiante, percebendo essa atenção flutuante e suas implicações na área da comunicação, passamos a ler e comentar - *ME++ The Cyborg self and the networked city* (2003) -, em que o autor apresenta uma geopolítica urbana observando que as conexões digitais “tornaram-se a característica da nossa condição urbana no século XXI”. Este mapeamento nos lembra que uma rede de redes suporta diretamente operações de setores como economia, energia (elétrica, petróleo ou atômica entre outras), transportes (aéreos, marítimos), finanças, telecomunicação, saúde pública, serviços de emergência, meteorologia, química, defesa de espaço nacional, alimentação, agricultura e remessas postais, entre várias outras, numa lista quase sem fim. Dessa forma, numa sequência de artigos, neste livro o autor estuda as transformações culturais, políticas e econômi-

5 <http://cienciahoje.uol.com.br/blogues/bussola/ch-promove-debate-sobre-redes-sociais>

cas que alteram aspectos urbanísticos e subjetivos da cidade. Nesse ponto do curso percebemos que uma visão estatística do desenvolvimento industrial dos dispositivos móveis em todos os continentes do planeta também poderia colaborar na construção de novas estratégias para melhor conhecer o ambiente telemático, a comunicação sem fio e, portanto, da circulação da imagem e das informações nos campos da arte, da ciência e da tecnologia. Assim buscando conhecer a linguagem da comunicação móvel e um conjunto de questões que nos permitiria seguir pensando a imagem com relação ao seu passado, seu presente e seus desafios, elegemos mais um autor.

Com nosso interesse especialmente voltado para os dispositivos móveis e suas constantes inovações e seus reflexos na área de comunicação passamos a ler - *Mobile Communication and society: a global perspective* - livro que aponta o mercado de telefonia móvel no Brasil como sendo o sexto maior mercado de telefonia móvel no mundo e o maior na América Latina.⁶ *Mobile Communication and society* nos aponta ainda dados que observam a forte exclusão vigente no país em função dos altos valores pagos pelo uso das linhas de celulares.

A partir daí, coerente com nosso enquadramento sociotécnico, julgamos também importante para nossa pesquisa, dar a devida atenção aos softwares e pixels que compõe eletrônica e fisicamente as mensagens áudio visuais. Em seu livro *O universo das imagens técnicas: Elogio da superficialidade* (2008) o autor descreve a imagem técnica como número, cálculo. Em sua análise, numa metáfora, o autor nos apresenta o pixel como o novo pincel e os algoritmos sendo entendidos como a atual “palheta do pintor”. Levando em consideração que essa publicação é da década de 1970, citamos seu entendimento visionário das tecno-imagens:

“... Somos testemunhas, colaboradores e vítimas da revolução cultural cujo âmbito apenas advinhamos. Um dos sintomas dessa revolução é a emergência das imagens técnicas em nosso torno. Fotografias, filmes, imagens de TV, de vídeo e dos terminais de computador assumem o papel de portadores de informação outrora desempenhado por textos lineares. Não mais vivenciamos, conhecemos e valorizamos o mundo graças as linhas escritas, mas agora graças as superfícies imaginadas. Como a estrutura da mediação influi sobre a mensagem, há mutação na nossa vivência, nosso conhecimento e nossos valores...”

Pensando nesta avaliação de Flusser, e parafraseando Marshal McLuhan, poderíamos hoje então suspeitar que a interface seja de certa forma a mensagem? Essa suspeita talvez se confirme, na medida em que, interagindo com esses dispositivos

⁶ <http://mundomovil.3gamericalatina.com/pt-br/content/brasil-sexto-maior-mercado-de-telefonia-m%C3%B3vel-do-mundo>

móveis, nossas noções de espaço, tempo e forma de sentir, perceber, de se relacionar forem se transformando.

Além desta lista de publicações, autores e aspectos até aqui abordados, é também importante sublinhar que esses recursos telemáticos, além de provocar transformações afetivas, cognitivas e neurológicas têm também consequências políticas. Lembremos que as implicações das transformações tecnológicas já eram abordadas em 1979, quando, na crise do Irã, se discutia o uso das fitas cassetes transformando a cena política mundial. No exílio em Bagdá, Khomeini continuou a criticar o xá e suas políticas pró-ocidente. Sua mensagem chegava às massas por meio de fitas-cassete gravadas durante conversas ao telefone. Ele se tornou o símbolo da oposição ao regime e à monarquia.⁷ Três décadas mais tarde, já nos dias de hoje, passada a primeira década do século XXI, assistimos e participamos de uma acirrada disputa com as sucessivas quedas dos regimes ditatoriais no Oriente Médio que desestabilizam a economia global, deixando o mundo num constante suspense diante da busca por democracia no mundo árabe. Em meio a profundas transformações tecnológicas, culturais, políticas uma nova ordem mundial se estabelece. Numa cena em constante movimento, os dispositivos móveis promovem hoje uma cada vez mais veloz difusão das informações, das imagens e, portanto, das versões dos fatos, confundindo o que seria mudança de regime com promoção da democracia. Nesta linha de pensamento, nossa leitura do livro *The Net Delusion: the dark side of internet freedom* (2011) de autoria do jornalista e comentarista social Evgeny Morozov, nos ajudou a discutir até que ponto esses dispositivos móveis promovem tais princípios - liberdade e democracia. O autor nos adverte que devemos ser mais prudentes ao pensar na Internet livre ou nas redes sociais como promotoras da libertação e semeadoras de nobres iniciativas. Porém, estando diante de transformações técnicas, econômicas, sociais e políticas tão aceleradas seria no mínimo precipitado tentar elaborar visões sobre um futuro próximo sob pena de sermos surpreendidos por descobertas tecnológicas inusitadas que transformariam de súbito nossa atual percepção e entendimento dos fatos.

ARTE E CIÊNCIA HOJE

Com esse breve relato sobre as leituras e a trajetória do curso Arte Digital, encerro esse artigo destacando que, como consequência da acelerada transformação das tecnologias telemáticas e da velocidade das pesquisas nesta área, os campos da comunicação, da ciência e da arte trazem, na primeira década deste século, questões que

⁷ <http://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias/0,,MUL993503-16107,00-HA+ANOS+REVOLUCAO+POPULAR+LEVOU+REGIME+FUNDAMENTALISTA+AO+PODER+NO+IRA.html>

têm implicado em mudanças radicais nos modos de produção e circulação da informação transformando a cada instante nossos processos perceptivos.

Concluindo, lembro que, já em 1959, em “As duas culturas”, o pequeno e famoso livro de C.P. Snow, o autor apontava para o fato de não haver comunicação entre as duas culturas, a exata (científica) e a humana (literária), e que em sua época (década de 1950), expressões equivocadas sobre a ciência eram usadas na arte. No entanto, atualmente, se considerarmos os avanços tecnológicos que englobam o campo da comunicação e das artes visuais (a computação gráfica, a ficção científica e a inteligência artificial), enfim, todos os meios de divulgação científica à distância, o preconceito com relação à categoria artística vem diminuindo. Porém, mesmo após 50 anos, “As duas culturas” ainda é uma publicação instigante que provoca, desafia e toca indiscriminadamente toda a academia.

Sublinho ainda que, este registro sobre os vários aspectos relativos ao presente e ao passado da produção, circulação da imagem e da informação, bem como os aspectos relativos à questão que indaga sobre o que poderia hoje ser considerado um gesto artístico, são alguns dos ângulos que vêm sendo abordados ao longo do curso Arte Digital.

Finalizo este artigo lembrando que esta breve memória foi escrita visando estimular novas aproximações e discussões futuras e que os endereços eletrônicos citados neste artigo foram acessados em novembro de 2011.

REFERÊNCIAS:

CABANNE, Pierre. **Marcel Duchamp**: engenheiro do tempo perdido. Ed. Perspectiva. S.P. 1997.

CASTELLS, M. **Mobile communication and society**: a global perspective. Massachusetts Institute of Technology, 2007.

DIANA, Domingues (Org.). **Arte, Ciência e Tecnologia**: Passado, presente e desafios. Ed. UNESP, 2007.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade. Ed. ANNABLUME. SP. 2008.

MITCHELL J. William. **ME ++ - The Cyborg self and the networked city**. Massachusetts Institute of Technology. 2003.

SANTAELLA, Lucia. **Porque as comunicações e as artes estão convergindo?** Ed. Paullus. SP. 2005.

SNOW, C. P. **As duas culturas em uma segunda leitura.** EDUSP, 1995.